

OS MUSEUS EMANADOS DA PERIFERIA E SUAS PERSPECTIVAS PARA O TURISMO CULTURAL: UMA PROPOSTA DA AMAZÔNIA URBANA BRASILEIRA

Camila Moura Alcântara

Doutoranda da Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da, Brasil (UFPA/PPGA), Bolsista CAPES Belém, Pará. Conjunto Médici I, Tv. Anajás nº 96. Bairro Marambaia, CEP: 66.620.390
camilafsmoura@gmail.com

Renata de Godoy

Professora adjunto da Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da, Brasil (UFPA/PPGA) Belém, Pará. Campus Universitário do Guamá, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Rua Augusto Corrêa nº 01. Bairro Guamá, CEP 66.075.110
godoy@ufpa.br



Os Museus Emanados da Periferia e suas Perspectivas para o Turismo Cultural: Uma Proposta da Amazônia Urbana Brasileira

Camila Moura Alcântara

Renata de Godoy

Historial do artigo:

Recebido a 01 de maio de 2017

Revisto a 08 de maio de 2017

Aceite a 15 de maio de 2017

RESUMO

O artigo apresenta uma comunidade de Belém, Pará/Brasil e suas perspectivas para o turismo cultural através de seu museu comunitário, discutindo tal estratégia como mecanismo de reconhecimento e valorização da memória social. Por meio de pesquisa etnográfica no bairro da Terra Firme, periferia da capital paraense localizada na Amazônia brasileira, se propõe perceber as interações que se estabelecem nos espaços sociais a partir das escolhas patrimoniais dos moradores do bairro, dirigindo atenção para a relação das pessoas com sua cultura material e as diferentes formas de construção social da paisagem local para a concretização da atividade turística.

Palavras – chave: Museus Comunitários, Etnografia, Turismo Cultural, Patrimônio Cultural, Cultura Material

ABSTRACT

The article presents a neighborhood on the periphery of Belém, Pará/Brazil and their perspectives on cultural tourism with the local community museum, analyzing this use as a mechanism for social memory appreciation and development. Through ethnographic investigation conducted at Terra Firme district, located in the outskirts of the state capital of Pará in the Brazilian Amazon, the research intended to understand social space interactions mediated by choices related to local dwellers cultural heritage, focusing on people's relationships with material culture and different forms of social construction of landscapes that seeks the achievement of tourism activity.

Keywords: Community Museum, Ethnography, Cultural Tourism, Cultural Heritage, Material Culture

1. Apresentando o Ponto de Memória da Terra Firme sob a perspectiva de visitante

O bairro da Terra Firme, localizado na periferia da capital do estado do Pará, área urbanizada da Amazônia brasileira (vd. Figura 1), tem sido estudado no âmbito de pesquisa de antropologia urbana (COSTA, 1999; ALVES, 2010; RAMOS, 2013; SILVA e SÁ, 2012; GEISE, 2014; QUADROS, 2014; MOURA, 2016) e reconhecido por diversos autores como um espaço de articulação política marcado pela luta por moradia digna e direitos civis garantidos na Constituição Brasileira de 1988 (1). Neste artigo pretendemos discutir as escolhas conscientes e inconscientes que têm sido realizadas por moradores envolvidos na construção do museu comunitário local como formas concretas de criação de espaços adaptados para práticas de turismo comunitário, utilizando para tal a pesquisa etnográfica conduzida pela primeira autora durante o percurso interativo no bairro.



Figura 1. Mapa de localização do estudo de caso. Fonte: MPEG

Quando falamos de museu comunitário nos referimos ao Ponto de Memória da Terra Firme (PMTF), parte de uma iniciativa criada em 2009 em resposta às novas demandas da museologia social no Brasil. O projeto intitulado Ponto de Memória reflete um movimento político brasileiro com o intuito de priorizar e ampliar ações voltadas para a consolidação da museologia social no país (2), tendo como frente institucional o órgão federal de regulação, gerência e fiscalização: o

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) (MORAES, 2009, SILVA e PINHEIRO, 2013, AVELAR, 2015). O Programa Pontos de Memória, no primeiro estágio executado em 12 capitais (3) brasileiras, surge com a proposta de incentivar a criação e reconhecimento de novas iniciativas dentro de comunidades, que na maioria dos casos se mantêm a margem de políticas públicas sociais. Em linhas gerais a política dos Pontos de Memória retrata uma estratégia do estado para melhorar o bem-estar das comunidades urbanas que sofrem com as mazelas das grandes cidades devido ao abandono do poder público. Entretanto, quase uma década depois de sua criação, muitos problemas podem ser analisados em decorrência de sua implantação. Neste artigo, porém, nos propomos a apresentar um recorte específico: compreender escolhas conscientes e inconscientes de construção social do espaço no viés do turismo cultural.

Na atualidade muitos são os discursos favoráveis à implantação turística, mesmo que em muitos o fenômeno em si nem seja mencionado. Os museus comunitários são um bom exemplo disso, pois abordam o tema indiretamente e assim evitam discussões pautadas no universo do lucro e do marketing, essenciais em qualquer planejamento turístico. Entretanto, e talvez até alheios ao fenômeno turístico propriamente dito, formas atuais de reapropriação de bens culturais também indicam novas funções atribuídas a patrimônios, direta ou indiretamente ligadas ao turismo e ao lazer.

Ao desvendar iniciativas de desenvolvimento de turismo comunitário no bairro da Terra Firme sugerimos ampliar a discussão visando compreender relações construídas de comunidades periféricas e museus comunitários, propondo que tais iniciativas têm o poder de fomentar o reconhecimento e a valorização da memória social. Através da observação participante enquanto membro do grupo de visitantes foi possível perceber o movimento frenético de um bairro que pouco para descansar por uma perspectiva nova, assim como propor reflexões novas sobre teoria e prática dos museus comunitários na região amazônica, mais precisamente na cidade de Belém, por meio do Ponto de Memória da Terra Firme.

O objeto de estudo pode ser compreendido no viés do conceito de *museu integral*, definido e defendido a partir do movimento da Nova Museologia instaurado na segunda metade do século XX (MOUTINHO, 1993; SEPÚLVEDA, 2004; VARINE, 2009; DUARTE, 2013; CHAGAS e GOUVEIA, 2014), que possibilitou o surgimento dos museus comunitários. Esses, por sua vez, são iniciativas comunitárias que tomam os museus como espaços de representação e reflexão de suas realidades. O Ponto de Memória da Terra Firme trata-se de um museu comunitário de mobilização, identificação, ação e cidadania, na qual a comunidade se faz sujeito no ato de formular, executar e manter o museu (MOURA, 2016).

A fim de relacionar com a implementação da atividade turística que propicia a aproximação entre o museu e a comunidade representada, em um segundo momento do texto a primeira autora narra em primeira pessoa o chamado *Percurso Interativo*, roteiro de visita elaborado de forma participativa e colaborativa entre os moradores do bairro e o Ponto de Memória. Ao realizar a pesquisa buscamos refletir sobre o interesse da periferia em se tornar local de visita dentro das grandes cidades, abordando discussões que envolvem o turismo cultural aliado aos museus emanados de comunidades periféricas. Desse modo, esse artigo pretende contribuir para debates sobre museus, periferia e turismo; apreendendo os museus comunitários como espaços de reconhecimento do lugar e de sua gente.

2. Museus Firmes, Museu da Terra Firme

A concepção teórica sobre Museu e Museologia entendida no mundo de hoje está profunda e inteiramente vinculada à ideia de *museu integral*, conceito apresentado e discutido durante o

que se convencionou chamar Declaração de Santiago (4), no ano de 1972 (SCHEINER, 2012). O museu, seja qual for sua definição, passou a atender as necessidades da comunidade representada a partir da sua atuação política (MOURA, 2016). Contudo, Tereza Scheiner (*Ibidem*) defende que a preocupação em relacionar museus e comunidades já existia antes mesmo da Declaração de Santiago, sendo o conceito de *museu integral* o resultado de um movimento teórico e também político de esferas internacionais como a UNESCO.

Entendemos que esses museus “abarcaram o território, as práticas, os saberes, as crenças, em suma: o patrimônio natural como cultural” (DIAS, 2007: 129). Em nível global destacam-se experiências pioneiras, como Museu Nacional de Niamey na Nigéria; Rede de Museus Escolares e Comunitários no México; Museu da Anacostia, Smithsonian em Washington nos Estados Unidos; e também no surgimento de outras iniciativas como Museus Comunitários e Centros Culturais de comunidades aborígenes na Austrália e o Ecomuseu de Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro (BOLTON, 2003; CHAGAS e GOUVEIA, 2014)

A partir do engajamento político e teórico de profissionais de museus em adequar as estruturas museológicas ao condicionamento das sociedades contemporâneas é que se convencionaram chamar *museologia social* (5) à nova forma de se fazer museus (MOUTINHO, 1993; VARINE, 2009; CHAGAS e GOUVEIA, 2014). A essa categoria, Mário Chagas e Inês Gouveia (2014) afirmam que está relacionada à questão dos compromissos sociais que o museu assume e se vincula, se referindo a compromissos éticos de dimensões científicas, políticas e poéticas, o que faz diferenciar da prática museológica instituída no século XIX.

A *museologia social* se propõe pensar e praticar museus além do sentido comum do termo. Tomam os museus como espaços vivos como a própria comunidade, “em constante movimento para se adaptar as mudanças que acontecem nela e em seu ambiente” (VARINE, 2014). Antes se propunham em colecionar objetos que materializassem e fixassem as identidades de seu passado, a partir da construção da memória coletiva e da identidade cultural dos sujeitos detentores de tais objetos (SEPÚLVEDA, 2004), fato recorrente nos museus etnográficos. Entretanto, os derivados dessa *museologia social* tornam-se meios para a construção de sujeitos coletivos em que a comunidade se apropria dele para propiciar a reflexão e a crítica em torno da sua própria realidade (LERSCH e OCAMPO, 2004; MOURA e GONTIJO, 2015).

Esses museus não necessitam de teto, portas e janelas; são espaços que convocam a ação dentro do território musealizado onde atuam, se preocupando em atender as expectativas de sua comunidade, valorizando e preservando o que esta reconhece como patrimônio. Entendemos o patrimônio cultural como é uma categoria de pensamento, devido à maneira como nos influencia sobre o entendimento da vida social e cultural e a possibilidade de transitar entre mundos diversos (GONÇALVES, 2003). Assim, afirmamos que o patrimônio não se faz presente apenas para simbolizar ou retratar algo; ele carrega ensinamentos, juízos de valor de nossos ancestrais e lembranças de histórias das quais ouvimos contar pelo grupo social (MOURA e GONTIJO, 2015).

Consideramos o patrimônio cultural de forma abrangente, como testemunho de experiências vivas e vividas, que transcendem mundos e tempos, que agenciam, e que ressonam como aborda Gonçalves (2005) forças culturais complexas e dinâmicas sobre determinado indivíduo e/ou grupo. Nesse sentido, os museus são apreendidos como agentes de desenvolvimento social, regeneração e empoderamento das populações. Os emanados da museologia social desenvolvem, assim, ações e atividades que constroem trabalhos coletivos que envolvem a comunidade representada, reconhecendo-a como sujeito do processo e proporcionando aos envolvidos expressarem a sua história da maneira desejada (MOURA, 2016).

Na periferia os sujeitos enfrentam as duras condições de vida, no entanto por meio da sociabilidade se permitem também compartilhar gostos e valores diversos. Nosso objeto de estudo não é apenas um bairro periférico, mas um local estereotipado pela pobreza e pela violência, que usa o museu como estratégia para se reafirmar como espaço de vitória e travar novas lutas e conquistas. Afinal como tantos outros bairros, nele se formam redes de contato, fortalecimento e empoderamento da diversidade da vida urbana, que se traduzem na criação, na produção e na circulação de informação e de produtos culturais que atendem as perspectivas de seus moradores. Isso favorece ao fortalecimento da autoestima e afirmação das origens e códigos, segundo Lilian Silva (2012), que aliados a oportunidade de participar de práticas culturais próprias, fazem com que o sujeito marginalizado se sinta incluído na cena urbana, livrando-se do estigma da invisibilidade social de classes.

A melhora da auto-estima social que esses espaços provocam em suas localidades permitem o reconhecimento externo por aqueles que muitas vezes os pré-julgaram de minoritários, marginais e até incapazes de fazerem diferente. Neste caso nos referimos à mídia como formadora de opinião, que contribui maciçamente para o alastramento de estereótipos que norteiam essas comunidades. O museu como fenômeno social que catalisa transformações pode ser instrumento de empoderamento dos sujeitos, propiciando auto-reconhecimento que implica na mudança de estereótipos externos. Tomamos como exemplo a visitação de intelectuais, teóricos, museólogos e profissionais atuantes na Terra Firme, que buscaram conhecer o trabalho do PMTF e as vivências do bairro.

Os Pontos de Memória, programa que atende os diferentes grupos sociais do Brasil que não tiveram oportunidade de narrar e expor suas próprias histórias, memórias e patrimônios nos museus (IBRAM e OEI, 2016), dentro das periferias brasileiras, tornaram-se espaços de discussão e mobilização social em defesa do desenvolvimento dos lugares e de sua gente, por meio de ações voltadas para a valorização da memória, reconstrução histórica e apropriação de patrimônios culturais. Os museus eram uma realidade no início de formação dessas iniciativas, todos falavam e queriam possuir museus. Os pontos pioneiros, reconhecidos aqui pelos os primeiros contemplados pelo programa, avançaram nas discussões e tornaram-se espaços de apropriação social, passaram a falar de museus, categoriais museais, exposição, acervo – utilizando termos e conceitos presentes na discussão de museologia social.

No decorrer do desenvolvimento do Programa as iniciativas resignificaram tal categoria, incorporando amplas dimensões simbólicas e sociais ao que passou a se chamar Pontos de Memória. Com o tempo os sujeitos integrados passaram a entender os PM como iniciativas comunitárias que se identificasse com as perspectivas da memória social e/ou da museologia social, atribuindo diversos significados a suas organizações. Tais empreendimentos que se diversificaram com o tempo são reflexo do protagonismo social de tais comunidades traduzido por meio de ações museológicas, como assegura a Lei nº 11.904/2009 que instituiu o Estatuto de Museus no Brasil. O museu comunitário transfigurado no Ponto de Memória nada mais é do que uma nova categoria de ação afirmativa que se instalou em grandes cidades brasileiras; são mecanismos institucionalmente constituídos de uma nova realidade de resistência social que tende a se dinamizar em curto prazo.

Arelado a essa argumentação, Hugues de Varine em entrevista à Mário Chagas, ao definir o museu comunitário considera que alguns deles “nem se chamarão museus, mas todos seguirão os princípios da nova museologia (Santiago, Quebec, Caracas) no seu espírito ou na sua escrita (teoria)” (2014: 247). Conclui-se, então, que o conceito de *museu integral* que norteia as iniciativas de Pontos de Memória ultrapassa a classificação museu no sentido institucional. São iniciativas que se materializam ao território e que representam a coletividade pretendendo ser “ao mesmo tempo centro e periferia” (Ibidem) da própria história.

A partir da atuação dos pontos pioneiros, em sua maioria, os Pontos de Memória percebem o museu como um fenômeno catalisador das transformações sociais, como ferramenta útil para as comunidades ao trabalharem na concretização do *museu integral* e suas atribuições que beneficiam as construções da autonomia dos povos. O Ponto de Memória da Terra Firme pode ser compreendido como uma experiência de museologia social exitosa em Belém, Pará, pois se trata de uma organização que trabalha junto aos pressupostos da museologia e, é mantida e gerida por agentes sociais pertencentes à comunidade a qual representa. É um Museu Comunitário no bairro da Terra Firme, que atua com e para os moradores do bairro.

Compreendemos que os Pontos de Memória são museus por trabalharem com identidades locais, narrativas e representações dentro de pressupostos de um tipo de representação museal. No caso do Ponto de Memória da Terra Firme pode ser entendido como um museu comunitário. O PMTF procura conservar, investigar, comunicar e expor a identidade afirmada dentro do bairro da Terra Firme por meio da memória, história e patrimônio reconhecidos pelo morador.

Soares e Scheiner afirmam que os museus são “como casas, como instâncias em que moram o humano” (2009: 2) (6). Fazendo-nos refletir que o “museu é um espaço do habitar” (Idem: 1), por isso é vivo, dinâmico e cíclico, em que só é possível a partir das relações e experiências sincrônicas dos habitados. Notamos a partir dessa reflexão que o museu que habita em Terra Firme desvenda um território cercado de representações simbólicas que configuram um bairro de várias facetas, formado por gente compromissada com bem-estar do lugar; baseado na vontade de proporcionar um espaço aberto que musealiza coletivamente o bairro e tudo que nele pertence a partir de diversas ações.

A dinâmica urbana que percebemos no bairro da Terra Firme através de seu museu comunitário também tem tido o poder de atrair novos olhares, novas mídias. Tem também se recriado para participar, mesmo que como coadjuvante, de uma das maiores e mais poderosa indústrias da atualidade: o turismo. Neste sentido o museu afeta e é afetado, impacta e é impactado, influenciando instituições, pessoas, paisagens e as “coisas” (MILLER, 2010) que foram selecionadas como acervo deste museu diferente que é o Ponto de Memória.

3.O antropólogo turista: reflexões sobre a antropologia do turismo na periferia do mundo ocidental

“O turismo então é hoje muito mais do que uma atividade econômica, é sim um fenômeno social, característico da sociedade industrial moderna, que está presente na vida de todos os que participam dela, mesmo nas diferenças de classes, grupos, etnias, nações.” (FIGUEIREDO, 1999: 51).

Ninguém duvida da importância de se pesquisar o empreendimento do turismo na atualidade. O turismo como mero instrumento massificado de lazer tem sido frequentemente questionado nas ciências sociais, pois de certa forma traduz o ambiente artificial ocidental que se intensificou no final do século XX. Na Antropologia este debate chega a causar um certo desconforto, na medida em que o antropólogo e o turista eventualmente almejam um mesmo fim: o deslocamento e o encontro com o outro.

Pesquisas envolvendo o turismo na antropologia remetem à década de 1960, quando pela primeira vez antropólogos motivados pela preocupação da “intromissão dos turistas em suas situações de campo” começaram a documentar tais conflitos como um subproduto de suas pesquisas, que assim foi se desenvolvendo subsequentemente com pesquisadores ainda

preocupados com impactos causados nas comunidades anfitriãs e baseados em conceitos de aculturação (GRABURN, 2009: 16-17). Apesar disso ainda é considerado um tema pouco explorado pela antropologia tanto no Brasil quanto no exterior, que mantém-se focada “principalmente nos impactos na cultura, nos processos de aculturação e na questão da autenticidade” (BARRETTO, 2003: 20). No entanto, é a busca pelo “autêntico” que vem transformando tais padrões de consumo atualmente, causando uma notória diversificação da oferta turística, visto que cada vez mais o consumidor busca experiências que fogem de rotinas cotidianas do mundo globalizado.

Apesar da atual preferência por paradigmas mais interpretativos que político-econômicos, efetivamente não “há uma perspectiva teórica única que amarre a pesquisa antropológica sobre turismo” (GRABURN, 2009: 13). Estudos mais recentes no Brasil que envolvem comunidades ribeirinhas e grupos indígenas têm compreendido o turismo como uma nova alternativa econômica, vislumbrado que tal atividade também pode gerar benefícios culturais para as comunidades locais, analisando como visitantes e o turismo podem se tornar parte integral da cultura (BEZERRA, 2014; GODOY, 2015; GRÜNEWALD, 2009).

Visitantes como Hugues de Varine (7), Tereza Morales (8) e Mário Chagas, além dos representantes de outros Pontos de Memória (9), comunidades periféricas e grupos culturais oriundos de favelas já estiveram no bairro da Terra Firme, realizando caminhadas, conversando com os moradores e trocando experiências com os conselheiros do PMTF. A presença de pessoas de fora, de visitantes ilustres e de companheiros de militância despertaram a necessidade de mapear patrimônios dentro do bairro para formalizar um roteiro de visita, projeto esse que se concretizou sob o título Percurso Interativo, narrado a seguir pela primeira autora como membro do grupo de visitantes utilizando como metodologia principal a observação participante.

O conceito de turismo geralmente evoca deslocamento e permanência. Não estamos desafiando tal concepção, apenas entendemos a presença do museu comunitário como uma nova oportunidade de visita na cidade, que tem o potencial de atrair o turista tradicional e também o próprio morador de Belém que nunca teria acesso a tais espaços, que apesar de públicos estão invisibilizados e indisponíveis no cotidiano do belenense. Como afirma Barretto “o turismo consiste no deslocamento de pessoas que, por diversas motivações, deixam temporariamente seu lugar de residência, visitando outros lugares, utilizando uma série de equipamentos e serviços especialmente implementados para esse tipo de visita (2003: 20).

É possível aproveitar novos prazeres, sensações e vivências na periferia? Seria possível mudar a percepção do próprio morador da cidade para espaços estereotipados como violentos em locais sem grande interesse dentro de nossas cidades através da experiência de lazer? Sabe-se que recentemente esse quadro vem mudando, pessoas vem buscando cada vez mais praticar novas experiências nesses lugares. O interesse não é pelo marginal, violento, e sim pela força de resistência e empoderamento que essas comunidades possuem frente ao descaso da sociedade. Posto que no mundo globalizado “a indústria do turismo é responsável por criar maneiras de transformar, circular e consumir localidades, criando uma cultura material e uma ‘economia de sensações’ que lhe é específica” (MEDEIROS 2006: 2).

Segundo Alfonso (2003) o chamado turismo cultural, segmento que se encaixa melhor na proposta do museu comunitário, caracteriza-se pelo interesse pela história natural, pelo patrimônio humano e cultural, as artes e a filosofia, bem como as instituições de outros países. O que se compreende é que o principal objetivo deste tipo de turismo é conhecer, estudar, vivenciar, se relacionar com diferentes culturas e diferentes produções do homem. Buscam-se as singularidades culturais dos outros povos.

O turismo cultural se vale do patrimônio cultural para planejar o produto turístico deste segmento, ao reafirmar identidades locais e impulsionar a evolução do sistema cultural local (BRENNER, 2005). Como pode ser visto com Menezes (2004), o turismo cultural tem sua base fundamentada na interpretação de manifestações culturais que se apreende, inventaria, documenta e transforma em atrativo para pessoas que buscam conhecer o outro e transformar esse conhecimento em momento de abstração e de lazer. Desse modo, segundo Almeida “o aumento pela procura dessa prática tem levado muitos destinos tradicionais com outras modalidades de turismo a revalorizarem os seus recursos e a buscarem na cultura modelos agregadores de dinamização e de potencialidades como atrativos importantes no conjunto tradicionalmente ofertado por visitantes” (2007: 155).

É o caso da cidade do Rio de Janeiro, com o turismo nas favelas. Nos Morros Pavão, Pavãozinho e Catangalo, localizados entre as praias de Ipanema e Copacabana (Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro) é onde está presente o Museu de Favela, considerado um Ponto de Memória, pelo qual a atividade turística vem despertando novos olhares ao lugar. Segundo Pinto et al. “no Museu de Favela o elemento integrador desse fundamento de arranjo é a cultura territorial, desde seu passado, esse seu presente e olhando para o futuro. Um arranjo produtivo fundado em memórias e identidade coletiva” (2012: 42). A proposta do MUF é “de musealizar o morro do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho e a tentativa de transformá-lo em um monumento turístico carioca” (SILVA, 2014: 67). Com a parceria entre MUF e o curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) foi elaborado o Projeto Turismo no MUF (TURISMUF) que tinha como objetivo “incentivar o turismo no morro, por meio de elaboração de roteiros, capacitação de moradores para a atividade turística e inclusão da comunidade no planejamento do turismo” (Ibidem).

Assim como o MUF, o Ponto de Memória da Terra Firme foge dos padrões convencionais de museu: é um museu a céu aberto que atua dentro dos mais variados espaços, como nas casas dos moradores, nas escolas, nas ruas, praças e instituições. É concebido no seio da comunidade que se volta para as suas vivências (MOURA, 2016). Destacamos a seguir o projeto Percurso Interativo, coordenado pelo Ponto de Memória da Terra Firme (10). A proposta visa atrair visitantes para espaços públicos valorizados por moradores no bairro, espaços que também foram selecionados na paisagem por serem representativos da memória do bairro. O percurso busca proporcionar aos participantes uma melhor percepção sobre o patrimônio local do bairro, evidenciando a memória social e o pertencimento ao lugar por meio de “outro olhar” sobre os principais pontos de referência do cotidiano do bairro. O roteiro segue os seguintes locais: *Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, Jardim Comunitário, Escola Brigadeiro Fontenelle, Praça Olavo Bilac/shopping chão, Feira da Celso Malcher, Horto Mercado.*

4.Desvendando o bairro da Terra Firme através da etnografia como turista: percepções diretas da primeira autora

Minha caminhada acontece em um típico bairro periférico de uma capital brasileira, constituído por emaranhados de postes, placas e fios elétricos que são recorrentes a ruas, ruelas, pelas quais transitam freneticamente pessoas com sonhos, coragem e trabalho. O bairro da Terra Firme é muito familiar, o conheci ainda no colégio quando ia visitar uma amiga que desde menina reside por lá. No entanto, foi em 2009 quando iniciou o processo de formação do Ponto de Memória da Terra Firme que comecei a circular e participar mais ativamente do bairro.

Atuei no período de 2009 a 2013, como conselheira e também consultora do PMTF aliada a moradores e outros sujeitos que trabalham em prol de melhorias sociais no bairro. Juntos desenvolvemos diversas atividades museológicas que contribuíram para a construção coletiva



de um museu comunitário, que no ano de 2016 apresento e defendo por meio da dissertação intitulada *Ponto de Memória: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme, Belém-Pa*. Portanto, é em meio a descobertas profissionais e acadêmicas e por que não pessoais que venho desvendando o bairro da Terra Firme.

A cultura da periferia e seu poder de resistência e criatividade artística vêm se afirmando no século XXI. Segundo Silva, a cultura produzida na periferia independe de suas mazelas sociais, “há construção de uma cultura independente, fora do mercado de massa e televisivo, com características e linguagens próprias” (SILVA, 2013: 6). Os museus emanados dessa cultura periférica partem de construções coletivas que se utilizam de ações e atividades para a aproximação entre o museu e a comunidade representada.

O Programa Ponto de Memória, atuante inicialmente em comunidades periféricas dos centros urbanos de capitais brasileiras, procura difundir uma política pautada na museologia comunitária, reconhecendo o museu como um processo de ação e mobilização social, muito além de uma instituição; valorizando iniciativas de memória que não necessariamente se reconhecem como experiências de museologia social ou que entendem esse conceito mesmo inseridas no programa (MOURA, 2016). Integrada ao processo dentro do bairro da Terra Firme, pude ver e perceber transformações sociais e articulação política dos lugares participantes do programa.

Para alinhar o plano museológico em seus locais de atuação roteiros de visita foram implementados buscando refletir sobre cidadania, territorialidade e pertencimento entre os que residem, chegam e transitam pelos bairros. Propiciando, assim, no despertar para a atividade turística como a que ocorre no Museu de Favela com o Circuito Casas-Tela (PINTO et al., 2012). O bairro da Terra Firme se espelha nessa atividade consagrada para firmar as ações museológicas no bairro. Descreverei nas próximas linhas o bairro para conhecimento e revelação que tanto vos falo, a partir da minha participação no Percorso Interativo.

Era uma manhã de quarta-feira, no mês de outubro, no ano de 2016, quando mais uma vez (re) descobriria o bairro da Terra Firme. Especialmente nesse dia, retornaria ao bairro, para um trabalho de campo da disciplina Patrimônio Cultural e Turismo (11) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA), a fim de vivenciar um roteiro turístico alternativo dentro da cidade de Belém, proporcionando discutir as diferentes formas de relações entre as populações e instituições nos processos de comodificação do patrimônio cultural, como propunha a disciplina. Havia antes entrado em contato com os colegas, conselheiros do Ponto de Memória, revelando participar do roteiro de visita lançado por eles no mês de maio, do mesmo ano.

Além de mim, outras pessoas se interessaram em desvendar o bairro. Algumas como Cibelly, minha colega de turma; e três professoras da rede pública de ensino que nunca antes tinham ido ao bairro com o interesse de vivenciar experiências no lugar. Outras como a pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Cristina Senna, gostariam de acompanhar o percurso para identificar quais os patrimônios apreendidos pelos moradores do bairro. O grupo formado por 12 pessoas foi mediado por Carol, turismóloga e uma das responsáveis pela elaboração do roteiro de visita. Carol contou com a ajuda das conselheiras Chiquinha e Helena, responsáveis pela execução e divulgação do Percorso Interativo.

A caminhada iniciou no Campus de Pesquisa do MPEG, instituição parceira devido à importância da instituição para trajetória do Ponto de Memória da Terra Firme. Helena, como funcionária do Museu Goeldi, coordena o projeto “Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade” que

desenvolve ações socioambientais estreitando relações do museu com a sociedade, atuando no bairro da Terra Firme desde o ano de 1985. Como conselheira do PMTF media o diálogo entre o estado e a sociedade civil ao viabilizar parceria entre o Ibram e o Museu Goeldi para disponibilização de mão de obra e espaço para as reuniões, encontros, oficinas e/ou qualquer outra atividade que o Ponto de Memória necessite de espaço físico.

O Ponto de Memória da Terra Firme é um museu diferente, a céu aberto, sem portas e janelas, que acontece simultaneamente em todos os espaços do bairro; um museu como espaço de reflexão e ação para a conquista de direitos que beneficiem toda a comunidade (MOURA, 2016). Sendo o Museu Goeldi uma referência para esse grupo como uma instituição que atua para e com a comunidade, tendo em vista que provoca o interesse desses de possuírem seu próprio museu. É nesse sentido que foi feita a escolha pela sede do Goeldi no bairro como ponto de partida.

O rio Tucunduba(12) e a Avenida Perimetral são os principais elementos que delimitam o bairro da Terra Firme. A Perimetral é conhecida como a Avenida da Ciência porque abriga as principais instituições de pesquisa com sede em Belém, destaque para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Universidade Federal do Para (UFPA), além do Campus de Pesquisa do MPEG.

Seguindo pela Avenida Perimetral continuamos o roteiro. A segunda parada foi no Jardim Comunitário, recém implantado por moradores do bairro com o incentivo do Ponto de Memória da Terra Firme na extensão do Campus de Pesquisa do Museu Goeldi. Uma proposta para combater a devastação das áreas arborizadas do bairro que de maneira brusca e sem planejamento adequado foram sendo urbanizadas. As consequências disso são percebidas nos primeiros passos da caminhada, pelo sol ardente que queima nossas partes do corpo desprotegidas, além da transpiração intensa justificada pela umidade característica da região e sede exagerada.

Contudo, muitos de nós belenenses não saímos de casa sem nossas sombrinhas para nos proteger da famosa chuva das 14h, nos servindo também nos dias de sol para proteger do ardume e sensação de calor intensa. E claro, como sou uma dessas pessoas; armei minha sombrinha e continuei a caminhada.

No Jardim Comunitário as mediadoras da visita nos relataram que há alguns anos os moradores que residem na Avenida Perimetral e redondezas passaram a se incomodar com o lixo despejado em toda a extensão do Campus de Pesquisa do Museu Goeldi. Moradores vizinhos ao Campus não conseguiram limpar a área e nem desenvolver um trabalho de educação ambiental com os que insistem jogar lixo no lugar. Em 2015, com a colaboração do Ponto de Memória realizaram um evento (13) para discutir a problemática delimitando um cronograma de ações para a implementação de um Jardim Comunitário no local. E a partir de então, passou-se a desenvolver práticas de plantio, cultivo, pesquisa e conservação, uma parceria entre o PMTF, MPEG e moradores do entorno.

De fato o problema do lixo é recorrente em toda Terra Firme, mas algumas áreas há uma concentração maior devido o despejo de todo tipo de lixo urbano, dos quais podemos considerar os recicláveis, orgânicos e entulhos. A extensão do muro do Campus do Museu Goeldi é uma das áreas que mais sofrem com esse problema, devido estar em uma das principais vias de trânsito que circulam pessoas de diversos bairros da região metropolitana de Belém favorecendo ao despejo de lixo de outros bairros da cidade. Um agravante para essa situação é o terreno ser alagável típico de várzea que favorece para a aglomeração desses materiais. Um problema sério que necessita com urgência ser resolvido.

Em meio a esse caos, foi impossível não refletirmos sobre as evidências claras que estavam a nossa frente há muito tempo, pois o grupo que estava nesse dia no Percurso Interativo passa diariamente pelo local no ir e vir de seus trabalhos e estudos. Sob influência dos envolvidos com o Jardim Comunitário que reforçaram a necessidade urgente de recuperação e preservação do meio ambiente e o reconhecimento deste como uma riqueza essencial para a sustentabilidade local, capaz de favorecer economicamente o bairro, valorizar e qualificar as vidas que escolheram estes espaços como suas moradas e de seus familiares. Destacamos o interesse em desenvolver uma cultura de subsistência através da reconstrução de hábitos alimentares tradicionais e mais saudáveis para todos.

E assim, ficamos alguns minutos debatendo melhorias para o Jardim Comunitário, que pareceu ser de interesse de todos a manutenção de locais como esse em outros cantos da cidade e até em outras cidades. O interessante da discussão foi à oportunidade de trocar experiências com os participantes do Percurso Interativo, como as dicas de Cibelly, minha colega de turma que é arquiteta, sugerindo possibilidades para o melhor manejo do plantio e pensando na estética do lugar para ter maior alcance do objetivo de sensibilizar os que transitam pela avenida quanto às causas socioambientais do bairro da Terra Firme.

Realizamos a partir da parada no Jardim Comunitário o caminho pela rua São Domingos, uma das principais vias de acesso ao centro do bairro. Pelo percurso nos deparamos com diversos meios de transporte: ônibus, carros, motocicletas, bicicletas, carroças; que transitam freneticamente pelas ruas do bairro. Há uma concentração de empreendimentos comerciais nessa rua, com destaque para as vendas de açaí que em sua maioria estavam lotadas de pessoas. Nesse caminho é possível identificarmos onde estão localizados o posto de saúde, as farmácias e as escolas públicas do bairro, como a escola de ensino fundamental e médio Brigadeiro Fontenelle, nossa terceira parada no Percurso Interativo.

A proposta inicial do roteiro era de entrarmos na escola, conhecer alguns espaços e o monumento de condecoração da UNESCO no ano de 2003 como umas das escolas brasileiras que melhor combate a violência por meio de ações pedagógicas. No entanto, encontramos o colégio tomado por alunos reivindicando melhorias na escola que passa por graves problemas de infraestrutura e também se posicionando contra a reforma do Ensino Médio e a Proposta de Emenda Parlamentar nº 55 (14), a PEC do Teto dos Gastos Públicos, propostas do atual governo brasileiro. No período que realizamos o percurso, o país estava tomado por manifestações populares de estudantes, trabalhadores e representantes de movimentos sociais contra essas medidas parlamentares que implicaram no corte de investimentos na área da educação, saúde e assistência social; essenciais para o bem-estar do povo brasileiro.

O movimento estudantil presenciado na Escola Brigadeiro Fontenelle demonstra para mim a força política que há no bairro da Terra Firme. Formado a partir da articulação e organização dos moradores que ocuparam no fim da década de 1960 terras pertencentes à União, mas especificamente terras da Universidade Federal do Pará, que por meio de centros comunitários e associações travaram lutas para fixarem moradia digna. Foi interessante perceber durante a ocupação da escola a participação de ex-alunos moradores do bairro e hoje universitários.

Dando continuidade ao percurso fomos convidados a seguir até a Praça Olavo Bilac, a quarta parada, que se encontra no coração pulsante da Terra Firme: o cruzamento da Rua Celso Malcher com a Rua São Domingos. A confluência das mais variadas coisas (Miller, 2013), que estão entrelaçadas no ir e vir do morador. A praça que pertence à Paróquia São Domingos do Gusmão é a principal área de lazer do bairro.

No dia pudemos vivenciar o “shopping chão”, conforme é apelidado no bairro a venda de roupas, calçados e acessórios usados que são estendidas sobre uma lona colada ao chão da

praça. A atividade acontece somente no período da manhã no interior da Olavo Bilac; as vendedoras são mulheres de pouca conversa que dividem o espaço com os vendedores de eletrônicos, também usados, que se concentram próximos aos portões. Às 12h por decisão da Paróquia São Domingos a praça fecha e só é reaberta às 14h. Já no período da tarde a configuração é outra, se concentram a venda de comidas típicas, bombons e lanches; como também a presença de brinquedos infláveis para diversão das crianças.

Em frente à Praça Olavo Bilac visualizamos o único semáforo presente no bairro que foi instalado pouco há mais de um ano desse dia da visita. Os mediadores do percurso informaram que antes da sua chegada ocorria certa cordialidade entre os que ali passavam -motorista, carroceiros, ciclistas e pedestres - conseguiam se entender transitando tranquilamente no cruzamento. Após a chegada do semáforo o que ocorre é uma confusão entre veículos e pedestres que não conseguem respeitar o tempo do sinal, provocando uns aos outros com os mais variados tipos de sons e xingamentos. Portanto, percebe-se que todos conseguiam se entender no meio do caos e quando o sinal é colocado para impor certa ordem, alguns respeitam as regras e outros não, resultando em uma experiência sem sucesso.

Convidados a seguir, após visitar a Praça Olavo Bilac, nosso percurso foi caminhar pela Rua Celso Malcher até chegar ao Horto Mercado Municipal da Terra Firme, última parada do Percurso Interativo. Observou-se pelo caminho também concentração de empreendimentos comerciais dos mais variados tipos de produtos: supermercado, açougues, roupas, calçados, artigos de festas, materiais de construção, entre outras; alocados em prédios de no máximo três andares que servem de moradia e comércio. Nesse local se concentram as três únicas escolas particulares presentes no bairro.

Entre a calçada e a pista da Celso Malcher está presente a principal feira do bairro, com os mais variados alimentos: frutas, legumes, carnes bovinas e suínas, peixes, mariscos; atendendo boa parte das famílias residentes em Terra Firme. Antes de entrarmos no Horto Mercado conversamos com o José, vendedor de camarão. Ele nos relatou que a feira funciona nos turnos da manhã e noite, atendendo o morador sempre com produtos fresquinhos, de excelente qualidade e de bom preço. Acredito que seja pela proximidade do bairro com a Centrais de Abastecimento do Pará (CEASA).

Ao entrarmos no Horto Mercado Municipal verificamos que o principal produto comercializado é o peixe, mas também há barracas de verduras, farinhas e ervas. Encontrei por lá uma amiga de minha mãe, a Graça, que é moradora do bairro desde menina, ela nos relatou com orgulho a sua relação com o mercado. Graça e o marido, Dorivaldo, sempre trabalharam na feira. Ele foi vendedor de peixe e ela vendedora de verduras por muitos anos no bairro. Hoje, complementam a renda com o aluguel das barracas, que foi repassada para os seus filhos.

Caminhar sobre Terra Firme é desvendar além dos aspectos físicos as relações que se estabelecem dentro do bairro. Há um sentimento de fraternidade que exala confiança, otimismo e alegria do morador. Todos se conhecem! Foi com esse sentimento que encerramos o Percurso Interativo, identificando o bairro como um lugar de memória (NORA 1993), um lugar que por si só provoca emoções e sentimentos de uma vida simbólica daqueles que construíram e constroem em Terra Firme. Logo, porque não um destino turístico?

5. Considerações Finais: o antropólogo turista em ação

Observar e vivenciar ações no bairro da Terra Firme que despertam para o desenvolvimento da atividade turística em uma comunidade periférica, permitiu a reflexão sobre comunidades ativas que se apropriam de dinâmicas sociais do contexto contemporâneo para exercer os seus direitos de memória e museu. O interesse pelo turismo se dá pelo auto-reconhecimento e divulgação de suas realidades; provocadas por uma necessidade de transformar o lugar e sua gente. Ao longo do percurso de visitação pode-se compreender um espaço em que se abriga o passado, o presente e o futuro de uma comunidade autêntica, consciente e gestora de seus valores.

A experiência de observa o participante nos leva a indagar nosso papel enquanto antropólogas que se interessam pelas dinâmicas do turismo (15), apresentando uma estratégia talvez menos tendenciosa de análise que visa compreender a paisagem como uma constru o dinâmica e carregada de significado simbólico que ultrapassa o cotidiano daquele lugar, e que   carregada de significados nem sempre conscientes.

Apesar de muitos autores considerarem a observa o participante como sin nimo de trabalho de campo, adotamos a conceitua o menos ampla deste método tendo como abordagem a análise de comportamento e a coleta de dados a partir da experiência do pesquisador quando observa e participa do evento (DEWALT, DEWALT e WAYLAND, 1998: 259). Optamos por este método, tanto na pesquisa apresentada aqui quanto em pesquisas anteriores no tema da antropologia do turismo (GODOY, 2012 e 2015), pois ele nos permite o aumento qualitativo tanto da coleta quanto da análise dos dados, e diminui os fatores de interferência do pesquisador no evento a ser analisado. Na etnografia descrita pela primeira autora do artigo a inten o em fazer parte do grupo visou sua participa o como meio de aprendizagem explícito de todos os aspectos envolvidos no ato de apresentar e conduzir o visitante. Assim a pesquisadora pode perceber elementos materiais e paisagísticos que foram selecionados pelos condutores como relevantes ao longo do roteiro que poderiam se diferenciar dos mesmos elementos presentes na constru o do museu comunitário, seu objeto de pesquisa há alguns anos (MOURA e GONTIJO, 2015; MOURA, 2016).

Sabemos que a atividade turística não   o principal objetivo do Ponto de Memória da Terra Firme, mas no propósito de musealizar o bairro está aliada a idéia de conservar, preservar e comunicar ao lugar e sua gente. Assim, estimamos que o Percurso Interativo possa ser meio para alcançar tal propósito, agregando valor ao bairro e a tudo que nele pertence. Nesse momento o roteiro está em fase de adapta o e sendo avaliado a cada visita por todos os participantes para melhor observar os desafios e dificuldades colocadas em questão.

Os envolvidos no Percurso Interativo pretendem ampliar a a o para outros lugares do bairro, mas isso depende das parcerias a serem formadas no futuro. No momento a a o tem atingindo mais o público de outros bairros da cidade, que por curiosidade, interesse pessoal e lazer desejam viver essa experiência. A participa o dessas pessoas favorece para mudança de estigmas negativos relacionados ao bairro da Terra Firme, a possibilidade dos moradores narrarem suas histórias e patrimônios têm mudado esse cenário.

O desejo desse bairro de entrar em um circuito alternativo de visita o turística não reca i ao que Barretto chama de "zoológico cultural" - um espetáculo e um tema de fotografias. Mas um lugar de apropria o cultural, de empoderamento de pessoas, de resistência e luta como bem constitu i a história do bairro da Terra Firme.

O debate interdisciplinar aqui proposto entre a museologia, a antropologia e o turismo, tendo como fio condutor a reflexão e interpretação do patrimônio cultural de comunidades periféricas, tem despertado nosso interesse em vivenciar experiências semelhantes do bairro da Terra Firme em outros lugares, permitindo aprofundar conhecimento sobre essas iniciativas e seus campos de atuação. Esperamos que tais reflexões possam ser úteis para se pensar os museus e turismo na periferia, visto que essas iniciativas ainda representam estratégias recentes e há pouca produção acadêmica sobre o assunto.

NOTAS

(1) Direitos Sociais - Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil 2011: 23)

(2) É importante destacar que museus comunitários dentro de bairros, favelas e centros comunitários já eram uma realidade brasileira. Refiro-me ao: Ecomuseu do Quarteirão e Museu da Maré no Rio de Janeiro; Ecomuseu da Serra do Ouro Preto, cidade de Ouro Preto - Minas Gerais; Museu Treze de Maio, em Santa Maria no Rio Grande do Sul; como também o Ecomuseu da Amazônia, em Belém; experiências presentes também em outros estados (MOURA, 2016).

(3) Belém-PA (Comunidade do Bairro da Terra Firme); Belo Horizonte - MG (Comunidade do Taquaril); Brasília-DF (Comunidade da Estrutural); Curitiba-PR (Comunidade do Sítio Cercado); Fortaleza-CE (Comunidade Grande Bom Jardim); Maceió-AL (Comunidade do Jacintinho); Porto Alegre-RS (Comunidade da Lomba do Pinheiro); Recife-PE (Comunidade do Coque); Rio de Janeiro-RJ (Comunidades do Pavão-Pavãozinho-Cantagalo); São Paulo-SP (Comunidade da Brasilândia); Salvador-BA (Comunidade do Beiru) e Vitória-ES (Comunidade do São Pedro).

(4) 18º Encontro Anual do Conselho Internacional de Museus (ICOM), na cidade de Santiago, Chile.

(5) Convencionou-se chamar assim após várias designações difundidas nos anos 1990, tais como: ecomuseologia, museologia comunitária, museologia crítica, museologia dialógica e tantas outras.

(6) Usam essa afirmativa a partir do pensamento de Bachelard, ao lembrar que “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (2005 apud SOARES e SCHEINER 2009: 1).

(7) Consultor na área de desenvolvimento comunitário contribui para o desenvolvimento de projetos ligados ao patrimônio e museus em vários países (França, Itália, Espanha, Portugal, Brasil, entre outros) considerado

(8) Antropóloga, professora do Instituto Nacional de Antropologia do México, consultora da União dos Museus Comunitários de Oaxaca e da União Nacional dos Museus Comunitários e Ecomuseus do México e da Rede de Museus Comunitários da América.

(9) Já visitaram Terra Firme, os Pontos de Memória: Coque, Jacintinho, Lomba do Pinheiro, MUF, Museu da Maré, São Pedro, Estrutural, Brasilândia, rede LGBT de Memória e Museologia Social, Rede de Pontos de Memória e Museus Comunitários do Rio Grande do Norte, Rede de Memória e Museologia Social de São Paulo – que participavam da IV Teia da Memória, em 2014. Como também os participantes da III Reunião de Jardins Botânicos (JB) e Pontos de Memória: JB do Recife; JB de Itatiba; JB Poços de Caldas; PM Maracrioula, PM Encantos dos Alagados; em 2015.

(10) Realizado em parceria com o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), por meio das pesquisas de doutorado de Ana Cláudia Silva e de iniciação científica de Maria Karoline Santos, dentro do projeto de pesquisa “Turismo Cultural e Patrimonialização: campo de relações, referências culturais e gestão para visitação”, ambas orientadas pelo professor doutor Silvio Figueiredo.

(11) Ministrada pela professora Dra. Renata de Godoy.

(12) O igarapé do Tucunduba é formado pela presença do rio Guamá e seus afluentes, possui uma extensão de 3.600 metros. Sua denominação vem do tupi guarani que significa “lugar que possui muitas árvores tucum”, palmeira propicia a produção de fibras para redes e cordas (Alves, 2010).

(13) Trata-se da III Reunião de Jardins Botânicos e Pontos de Memória.

(14) Institui o Novo Regime Fiscal no âmbito dos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União, que vigorará por 20 exercícios financeiros, existindo limites individualizados para as despesas primárias de cada um dos três Poderes, do Ministério Público da União e da Defensoria Pública da União.

(15) Participamos do Grupo de Pesquisa Antropologia do Turismo na Amazônia (GATA); Renata de Godoy é líder e Camila Moura é pesquisadora. O GATA destina-se a investigações sobre processos de uso turístico, sejam baseados em comunidades tradicionais, em zonas urbanas ou rurais, usufruindo de patrimônios ambientais e culturais, que estejam situados na Amazônia (podendo incluir outras áreas globais semelhantes econômica e socialmente), visando uma discussão profunda destes processos e de todas as formas de integração e modificação que têm gerado em grupos atuais. Trata-se de um grupo de pesquisa com duas linhas de pesquisa: 1) Práticas turísticas, dinâmicas territoriais e urbanização (dois estudantes, sete pesquisadores); e 2) Turismo e Arqueologia (um estudante, quatro pesquisadores).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. - Desafios e possibilidade de planejar o turismo cultural. In **Turismo de Base Local: identidade cultural e desenvolvimento regional**, , edited by Giovanni Seabra. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. ISBN: 9788577451036

ALVES, E. - **Marchas e contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme (1979-1994)**. 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

AVELAR, L. - **Museus Comunitários no Brasil: o Ponto de Memória Museus do Taquaril**. 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil.

BEZERRA, M. - Por uma Bricolage do Passado: Patrimônio Arqueológico, Artesanato e Comunidades Locais na Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Amazônia. In **Multivocalidad y Activaciones Patrimoniales en Arqueología: Perspectivas desde Sudamerica**, M. C. Rivolta, M. Montenegro, L. M. Ferreira and J. Nastro (Eds), pp. 327-348. Fundación de Historia Natural Félix de Azara, Buenos Aires, 2014. ISBN: 978-987-3781-08-7.



BOLTON, L. - The object in viwe: Aborigines, Melanesians, and Museums. In: **Museums and source communities**, edited Peers, L., Brown, A. London: Routledge, 2003. ISBN – 10: 0415280516, 0415280524.

COSTA, A. M. D. - **Lazer na Ocupação: Um estudo da sociabilidade de integrantes de uma associação de moradores na periferia de Belém em 1997**. 1999. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

DEWALT, K. M.; DEWALT, B. R.; WAYLAND, C. B. - Participant Observation. In **Handbook of Methods in Cultural Anthropology**. BERNARD, H. Russell (ed.) p. 259-99. Walnut Creek: AltaMira Press, 1998. ISBN: 0-7425-0432-8.

DIAS, N. - Antropologia e museus: que tipo de diálogo?. - **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. ABREU, R; CHAGAS, M; Santos, M (ed.). Rio de Janeiro: GARAMOND, MINC/IPHAN/DEMU (Coleção Museu, Memória e Cidadania), 2007. ISBN: 978-85-7617-136-2.

FIGUEIREDO, S. L. - **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia**. NAEA/UFPA, Belém, 1999. ISBN: 85-7143-009-8.

GEISE, S. - **Pontos de Memória: uma via conceitual de museu no Bairro da Terra Firme**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Museologia) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

GODOY, R. D. - **Assessing Heritage Values: Public Archaeology in Brasília** Saarbrüchen: Lambert Academic Publishing, 2012. ISBN: 978-3-659-13853-9.

GODOY, R. D. - Arqueoturismo no cerrado e na Amazônia: dois pedaços de um mesmo pote." **Revista de Arqueologia Pública** ISSN: 2237-8294. Vol. 9, nº 2 (2015), p. 87-107.

GODOY, R. D. - **O patrimônio como categoria de pensamento**. In: Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. ABREU, R. e CHAGAS, M. (ed). Rio de Janeiro: DP&A Ltda, 2003. ISBN: 8574902411.

GRABURN, N. - Antropologia ou Antropologias do Turismo? In **Turismo e Antropologia: novas abordagens**, M. Barretto, C. A. Steil, R. d. A. Grünewald and R. J. d. Santos (Eds), pp. 13-52. Papyrus, Campinas, 2009. ISBN: 978-85-308-0900-3.

GRÜNEWALD, R. d. A.- Indigenismo, turismo e mobilização étnica. In **Turismo e Antropologia: novas abordagens**, M. Barretto, C. A. Steil, R. d. A. Grünewald and R. J. d. Santos (Eds), pp. 97-118. Papyrus, Campinas, 2009. ISBN: 978-85-308-0900-3.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS.- **Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social**. Brasília: Phábrica, 2016. ISBN: 978-85-69369-02-8.

MENESES, J. N. C.- **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. ISBN: 9788582172131.

MILLER, D. - **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. ISBN: 9788537810798.

MOURA, C. - **Pontos de Memória: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme, Belém-Pa**. 2016. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

PINTO, R; SILVA, C; LOUREIRO, K. - **Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela**. 1º ed. Rio de Janeiro: Museu de Favela, 2012. ISBN: 978-85-66145-00-7.

QUADROS, C; QUADROS, MOURA, C; QUADROS, H. - **Um Ponto de Memória na Terra Firme**. 1º ed. Belém: Ponto de Memória da Terra Firme, 2013.

QUADROS, C. A. - **A Educação como Direito Humano Fundamental: a experiência do Museu Goeldi em práticas de educação não formal no bairro da Terra Firme**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

ALFONSO, M. - El patrimonio cultural como opción turística. **Horizontes Antropológicos**. Vol. 9, nº 20 (2003), p. 97-115 [Consult. Agost. 2016]. Disponível na www: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a05.pdf>>. ISSN: 1806-9983.

BARRETTO, M. - O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**. Vol. 9, nº 20 (2003), p. 15-29. [Consult. Agost. 2016]. Disponível na www: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a01.pdf>>. ISSN: 1806-9983.

BRENNER, E. - Uma contribuição teórica para o turismo cultural. **Habitus**, Vol. 3, nº 2 (2005), p. 361-372 [Consult. Set. 2016]. Disponível na www: <<http://revistas.ucg.br/index.php/habitus/article/view/65/62>>. ISSN: 1983-7798.

CHAGAS, M. GOUVEIA, I. - Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**. Ano 27, nº 41 (2014), p. 9 – 22 [Consult. Dez. 2014]. Disponível na www: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592/1523>. ISSN: 2175-0173.

DUARTE, A. - Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Gaduação em Museologia e Patrimônio**. Vol. 6, Nº 1 (2013), p. 99-117 [Consult. Dez. 2015]. Disponível na www: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/248/239>> . ISSN: 1984-39171

GONÇALVES, J.R. - Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Vol. 11, nº 23 (2005), p. 15-36. [Consult. Out. 2016]. Disponível na www: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>> . ISSN: 1806-9983.

LERSCH, T. OCAMPO, C. - **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?** Kansas City: Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, 2004 (Tradução: OM Priosti – Maio de 2008) [Consult. Jun. 2014]. Disponível na www: <<http://www.abremc.com.br/pdf/5.pdf>>.

MEDEIROS, B. - **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006 [Consult. Dez. 2016]. Disponível na www: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/4138/TurismoFavelaCarioca.pdf?sequence=1>>.

MORAES, N. - Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. **Revista Museologia e Patrimônio**. Vol. II, nº 1 (2009), p. 54-69 [Consult. Dez. 2014]. Disponível na www: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/46/26>> .

MOURA, C; GONTIJO, F. - Os Museus, as Coisas e as Comunidades: novas percepções a partir do bairro da Terra Firme em Belém, Pará. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**. Vol. 3, nº 1 (2015), p. 92-109 [Consult. Nov. 2015]. Disponível na www: <http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/07_Artigo06.pdf>. ISSN: 2318-6062.

MOUTINHO, M.- Sobre o Conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**. Vol. 1, nº 1 (1993), p. 7-9 [Consult. Dez 2014]. Disponível na www: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/18>>. ISSN: 972-8881-04-5.

NORA, P. - Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História, Revista de Estudos Pós-Graduados de História**. nº 10 (1993), p. 7-28 [Consult. Dez 2014]. Disponível na www: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. ISSN: 2176-2767.